

## A PAIXÃO PELO FUTURO\*

**Tina Spantidou**  
(Kiparissia-Grécia)

### O Verso de P. Valéry:

“Avante! Tudo foge! Minha presença é porosa”<sup>1</sup>, abre o horizonte do sentido oculto da paixão pelo futuro, porque só se pode concebê-la a partir do termo vivido pela consciência humana.

Diante da fuga incessante da duração objetiva o indivíduo sofre a revelação de sua progressiva fragilidade, sem apoio em parte alguma, condenado a uma hemorragia mortal. Sente-se vítima do movimento linear do tempo que lhe traz sem cessar o esquecimento e o desconhecido; sente o testemunho doloroso da perda irreversível de seu presente que flui para o passado, definitivamente impulsionado por um futuro essencialmente destrutor, uma vez que este lhe rói a vida, diminuindo-a continuamente, aproximando-o do instante aniquilador. O eu que se limita a contemplar seu ser passageiro, entregando-se à rígida disposição do tempo, esbanja-se absurdamente, para escapar à obsessão do mal incurável, fundando seu tédio na amarga consolação epicurista: “enquanto estou aqui a morte está ausente”<sup>2</sup>.

Assim, o fluxo temporal contém e manipula o tempo humano mas não o tempo vivido, pois este implica num domínio de tempo agitado e reestruturado pela intencionalidade de uma consciência dinâmica. Esta constrói uma outra duração, introduzindo a densidade de um instante plenamente vivido, medida voluntária do fluxo subjetivo, que cresce a profundidade da duração descontínua à extensão do vir-a-ser anônimo.

O instante, dilatado interiormente, “concentra em si mesmo o valor de um longo intervalo e mantém o máximo de fervor no mínimo de tempo”<sup>3</sup>. O presente reencontra o passado e o futuro, oferecendo ao indivíduo o abrigo necessário no qual o tempo não mais flui, deixando de lado seu aspecto ameaçador.

Em virtude de seu conteúdo qualitativo, a duração vivida obriga a flecha temporal a fechar-se sobre si mesma, circundando o indivíduo. As questões angustiantes face ao abismo temporal, encontram respostas nas manifestações da intencionalidade da consciência, que opõe ao rio heraclítico o grande obstáculo de suas forças interiores, as quais obrigam a

---

(\*) Tradução de Constança M. César.

corrente a traçar uma nova inflexão, subordinada ao dinamismo de atividade criativa. São estas forças que transformam a fuga em um presente extático, arrancado da horizontalidade; elas afirmam ainda, elucidando-o, o paradoxo do homem que embora seja condicionado pelo tempo, o sobrevoa, "um pouco a maneira da beleza de uma sinfonia: inteiramente ligada aos sons que se sucedem e apreendida, contudo, numa totalidade, num presente que recolhe o passado escoado e o futuro invocado"<sup>4</sup>.

Este processo esplêndido da consciência que intervém dinamicamente na estrutura temporal, arrancando-lhe um momento fugidio e transformando-o num momento ampliado, campo espacio-temporal absolutamente necessário para que o eu aí realize o seu pathos e se cumpra, põe em relevo a paixão pelo futuro, como atitude análoga emanada de uma consciência que está sempre na expectativa de uma floração interior, sempre prestes a considerar intensamente o tempo, em vez de esperar sua chegada. Os versos de um célebre poeta, R. M. Rilke, desvelam ademais a paixão pelo futuro como elemento essencial da estrutura humana, demonstrando a necessidade existencial de nos introduzirmos no futuro, de tomá-lo antecipadamente:

"...então por que  
ser obrigado a ser homem e fugitivo,  
destinado a desejar tanto o destino? ..."<sup>5</sup>.

Este desejo incessante desmascara, verdadeiramente, o conteúdo da paixão pelo futuro, sob cujo o eu abre-se tanto ao interior quanto ao exterior, buscando realizar-se em toda demonstração de vida autêntica, segundo a reflexão de G. Bachelard: "quem sabe levantar-se como um sol, sabe lançar seu ser num destino reassumido a cada dia"<sup>6</sup>. Evidentemente a autenticação da vida favorece extremamente que a existência humana revele suas raízes ontológicas, sua estrutura baseada no futuro, uma vez que luta a favor da presença do futuro, a favor de que o tempo humano seja salvo. Tal dialética implica que a densificação da vida concorde com a condensação da duração vivida. Então o futuro é o estofo do presente, mostrando-se "como um buraco vazio que se preenche, um nada que se torna pleno, uma ausência que se muda em presença"<sup>7</sup>.

Durante a elaboração da vida autêntica o eu se descobre numa situação bipolar, durante a qual ele se esforça, de um lado, em condensar o seu ser, introduzindo-se naquilo que foi e naquilo que será, num presente ampliado e, de outro lado, esforça-se para se unir ao mundo, expandir-se nele, romper os falsos obstáculos entre o eu e a realidade objetiva.

É uma situação que pressupõe que o indivíduo se faça cronocrata, construtor de um tempo turbilhonante, que pede a escultura dinâmica da consciência, a qual, intervindo, faz flamejar o agora, nele introduzindo o **ainda não** e o **nunca mais**, categorias Kairicas que realizam a liberdade da consciência e a melhora qualitativa de sua essência<sup>8</sup>.

É só nesse agora ampliado que a paixão pelo futuro acha seu campo de energia, inicialmente como realização do profundo desejo de anamorfizar o tempo medido, de adquirir intimidade com o obscuro, e, em seguida, como busca de uma existência que valha toda certeza, aberta à harmonia universal.

Nesse quadro complementar o eu aceita dinamicamente o **por-*vir***, afirmando apaixonadamente o risco e a aventura. Busca expor-se, para conhecer sua totalidade, para realizar sua intenção permanente, isto é, o **totum simul**, a fim de se ver como o “homem de vidro”<sup>9</sup> de P. Valéry. Assim, o “eu” esforçando-se por apreender de modo panorâmico seu futuro, durante o presente, demonstra a paixão pelo futuro como necessidade, como êxtase inato da vida em direção ao porvir<sup>10</sup>.

Este desejo fundamental do eu puro, da contemplação imediata, se possível, da duração individual, revela exatamente por que o homem, escolhendo o risco de provocar, de realizar o futuro, para iluminar-se, ao mesmo tempo ressalta a pureza do ambiente e sua sintonia, “como o som da trompa faz ressoar a floresta”<sup>11</sup>.

Longe de sua contingência e de sua fragilidade, o ser humano pode lutar para evitar a restrição de sua ipseidade e alcançar fecundidade interior. Assim a relação apaixonada com o futuro é essencialmente uma luta sustentada pela antecipação intencional do tempo. O eu não espera mais a chegada do futuro, lança-se a buscá-lo ou o obriga a se apresentar. Paralelamente, constata se em verdade habita seu tempo pessoal ou se já o perdeu.

Vê-se, pois: a paixão pelo futuro ressoa em todo testemunho de vida autêntica, posto que sua quiddidade é interdependente e faz-se conhecer no mesmo horizonte. Mas é indispensável discernir dois aspectos complementares deste horizonte. Um se refere a uma atitude contemplativa (vita contemplativa) enquanto outro pertence à ação (vita activa).

Inicialmente, na atitude contemplativa, a consciência permanece centrípeta, submetida à sua intencionalidade análoga. Desvela-se no silêncio, na solidão e na espera, situações que preenchem antecipadamente o abismo do futuro, apreendendo seus elementos ocultos, sua vinda silenciosa. São lutas difíceis, que prolongam o presente no futuro<sup>12</sup>, criando momentos “em que toda a atividade do ser se concentra, onde nos desdentamos, onde aspira-se à existência”<sup>13</sup>, onde o eu adquire o grande olhar do animal que, como canta o poeta,

“...lá onde nós vemos o futuro, ele vê tudo  
e nesse tudo, sí mesmo, para sempre salvo”<sup>14</sup>.

O silêncio é a resposta salvadora da concentração interior, face ao esbanjamento insensato de uma vida sem raízes. Permanecendo silencioso, mas não surdo aos sinais imperceptíveis do invisível, o homem tenta

penetrar no mais profundo do seu ser abrindo-se simultaneamente ao mundo. O estado silencioso mostra-se como o vazio precioso, indispensável, o vazio polissemântico no qual se instala o futuro, aí reencontrando o segredo do ser, como canta Valéry:

“Cada átomo de silêncio  
é a promessa de um fruto maduro”<sup>15</sup>.

Quanto à solidão, trata-se “da santa, rica e larga solidão, da confidente da maturidade íntima”<sup>16</sup>, cuja sensibilidade poética aprecia o valor como esforço difícil para a contemplação do futuro: “Somos solidão, escreve Rilke; podemos, é verdade, dar o troco e fazer de conta que não é assim. Mas é tudo... para aquele que se torna solidão, todas as distâncias, todas as medidas mudam”<sup>17</sup>.

A espera, enfim, é o trabalho corajoso que conduz a uma plenitude interior, construindo lentamente inumeráveis pontes, a fim de que o futuro caminhe ao lado do presente. É durante a espera que o eu decifra os signos latentes que emanam do todo, no quadro de uma aporia fecunda que responde, questionando.

Ao longo das citadas atitudes, a força atrativa do presente, seguida da concentração voluntária da consciência, cria um tempo novo que ergue um vasto presente cheio de futuro. “É um futuro presente ou um presente – presente por vir”, como escreve Jankélevitch, um futuro meio atual que se move no presente<sup>18</sup>. “O futuro permanece entreaberto e, em consequência, a quididade do destino perde momentaneamente seu aspecto tenebroso e angustiante. “O homem apreende-se em viagem, pensa seu pensamento, vê-se em pleno crescimento”<sup>19</sup>. Sua vida é vivida de ponta a ponta num momento de silêncio, de solidão ou de espera, porque essas situações provocam a dilatação do instante que se extrai, infinito, da duração, abrangendo o sopro mútuo do eu e do não eu, revelando sua “solidariedade estrutural”<sup>20</sup>. A alteridade temporal substitui-se pois pelo tempo homogêneo, produto da intencionalidade da consciência imantada pelo impulso em direção ao **totum simul**.

Certamente esse novo quadro temporal, esse tempo maleável, remete ao complementar da vida contemplativa: à **vita activa**, para aí se cumprir. Então, o tempo vivido que resiste à brevidade do destino humano busca seu fundamento no instante criador, na ação livre, situações que elucidam o conteúdo da paixão pelo futuro como impulso intencional para esse tempo que favorece a plenitude do ser humano.

O campo magnético da paixão pelo futuro, acentuando a criação, não conquista racionalmente o tempo, mas o salva e enriquece. No agir “O futuro vive antecipadamente”<sup>21</sup>, fertilizando o presente, posto que o vir-a-ser se obriga a condensar-se em torno da vida apaixonada, de abraçá-la ainda, em vez de destruí-la.

Se ao conceber a idéia o homem imagina o futuro, durante a criação já caminha em pleno futuro. "O Ainda-não e o Nunca-mais do ser se resolvem no Agora eterno de alegria criadora"<sup>22</sup>. A paixão pelo futuro emana de um indivíduo habitado pela paixão do agir, valorizando essencialmente sua existência e salvando o seu tempo.

Assim, o futuro perde sua associação ao fluxo temporal e alimenta o presente, uma vez que obedece à força motriz humana que supera seus limites existenciais, porque tanto criar quanto se afirmar, é libertar-se. Evidentemente, durante a atividade criadora o presente guarda seu poder sobre o futuro, uma vez que a criação é uma renovação, um presente contínuo no qual o futuro se incorpora. "Por que ninguém nota que agir significa sempre realizar o futuro?"<sup>23</sup>, indaga Ortega Y Gasset, visto que a ação reconquista a vida, superando o acaso.

O instante criador é pois um **nunc stans** que provoca a imobilização da corrente, a abolição do tempo horizontal. Uma nova duração aparece; ela não flui, não jorra. É o tempo das pessoas, como diz Bachelard. Todo o tempo é presente durante a ação; o indivíduo apanha o que foi e o que será. O tempo se insinua no espaço, formando um quadro quadridimensional em que a existência humana se desenrola, abrangendo-se inteira.

Logo, na gota luminosa do instante criador o espírito aberto sente o contato vital com um **outro** vir-a-ser, situação que o conduz ao sincronismo vivido<sup>25</sup> com o universo. O pathos da criação constrói instantes que perenizam o presente e implica o desvelamento do núcleo da paixão pelo futuro, mostrando-a como caça apaixonada dos instantes eternos. Certamente a existência humana assume então uma aparência fugaz, mas essencialmente não se decompõe, porque os momentos não se caracterizam como pontos negros sobre uma linha branca, mas como possuindo uma trama comum: o cumprimento do ser, o ser mais, a fecundidade transbordante.

Sem dúvida, a paixão pelo futuro pede como condição absoluta o campo enriquecido e dilatado do presente, para que o futuro nele flutue; pressupõe também a afirmação total da negação extrema, isto é, a infinitude aproximada à concepção traumática da morte.

Através desta intimidade, o ser humano que vive autenticamente sente-se capaz de iluminar o lado obscuro da face da vida, o lado mortal, "uma vez que a criação não apenas supõe, mas é abertura ao mistério"<sup>26</sup>.

"Compreender o ser aí como um aspecto de ser geral e esgotá-lo apaixonadamente; tal poderia ser a exigência que a morte nos impõe..."<sup>27</sup>, afirma Rilke, familiarizando-se com a atitude da paixão pelo futuro, que vê na morte o complemento da vida e não sua adversária.

Assim, o **factum brutum** perde seu aspecto privativo e o eu afasta a obscuridade mortal para aclarar a vida.

Existe pois uma relação substancial entre a autenticação da vida “como trabalho pelo qual nos fazemos realidade, verdade e valor”<sup>28</sup> e a presença do futuro como dialética bipolar, apaixonadamente vivida, entre o eu profundo e a corrente temporal. Esta relação intensa exige evidentemente a participação intencional da pessoa inteira, perpassada pela paixão pelo futuro, paixão pelo tempo apaixonadamente vivido, pela duração humanizada. A paixão pelo futuro conduz, pelo seu conteúdo, a uma antropologia e a uma cosmologia que se interpenetram afirmando que “cada movimento da alma humana encontra um substrato profundo e inteiramente natural no mundo”<sup>29</sup> e afirmando igualmente a textura da vida e da morte. No quadro supra-temporal que a paixão pelo futuro cria, um lema é válido por excelência: “*contraria sunt complementa*”, posto em relevo pelos versos<sup>30</sup>:

“Entre os perecíveis, aqui, no reino do declínio,  
 sê um cristal vibrante e que já se estilhaça com o som;  
 sê e sabe igualmente a condição do não-ser.  
 O infinito fundamento de tua profunda vibração interior  
 a fim de que nesta única vez, perfeitamente te cumpras”.

## NOTAS

- (1) Cf. P. VALÉRY, **Poésies**, Gallimard, Paris 1958, “Le cemetière marin”, p. 104.
- (2) Cf. EPICURE, fr. (9), X, 124-5.
- (3) Cf. V. JANKÉLEVITCH, **La mort**, Flammarion, Paris 1977, p. 9.
- (4) Cf. E. KAELIN, “Sauver sa part d'éternité”, in **Sur l'aménagement du temps**, Dénoel, Paris, 1981.
- (5) Cf. R. M. RILKE, **Les élégies de Duino**, Seuil, Paris, 1972, p. 83.
- (6) Cf. G. BACHELARD, **L'air et les songes**, José Corti, Paris, 1943, p. 180.
- (7) Cf. G. POULET, **Les métamorphoses du cercle**, Flammarion, Paris, 1979.
- (8) Cf. E. MOUTSOPOULOS, **Philosophie de la Kairicité**, ed. Kardamitsa, Atenas, 1984, p. 53.
- (9) Cf. P. VALÉRY, **Soirée avec M. Teste**, Gallimard, Paris, 1982, pp. 72-73.
- (10) Cf. O. y GASSET; **La Révolte des masses**, Gallimard, p. 250.
- (11) Cf. E. MINKOWSKI, **Vers une Cosmologie**, Aubier, Paris, 1963, p. 105.
- (12) Cf. V. JANKÉLEVITCH, op. cit., p. 187.
- (13) Cf. G. POULET, **Le temps humain**, Du Rocher, Paris, 1952, vol. 2, p. 209.
- (14) Cf. R. M. RILKE, op. cit., p. 77.
- (15) Cf. P. VALÉRY, **Poésies**, op. cit., p. 110.
- (16) Cf. R. M. RILKE, **Prose**, Seuil, Paris, 1966, vol. 1, p. 340.
- (17) Cf. V. JANKÉLEVITCH, op. cit., p. 179.
- (18) Cf. G. POULET, *ibid*, p. 275.
- (19) *Ibid*, p. 277.
- (20) Cf. E. MINKOWSKI, op. cit. p. 169.

- (21) Cf. E. MOUTSOPOULOS, *Investigations Philosophiques*, ed. Tzounakos, Atenas 1971, vol. 1, p. 119.
- (22) Cf. V. JANKÉLEVITCH, op. cit., p. 126.
- (23) Cf. O. y GASSET, op. cit. p. 211.
- (24) Cf. BACHELARD, *Le droit de rêver*, P. U. F., Paris, 1970, p. 232.
- (25) Cf. E. MINKOWSKI, op. cit., p. 99.
- (26) Cf. E. LEVINAS, *Le temps et l' Autre*, P. U. F., Paris. p. 72.
- (27) Cf. R. M. Rilke, *Oeuvres*, Seuil, Paris, 1976. vol. 3, p. 384.
- (28) Cf. BASTIDE, La notion d' authenticité, *DIOTIMA*, 1981, pp. 134. 136.
- (29) Cf. E. MINKOWSKI, op. cit., p. 169.
- (30) Cf. R. M. RILKE, *Élégies de Duino et Sonnets à Orphée*, Seuil, Paris, 1972, son. 13, p. 163.